



TV Pipa: um novo olhar sobre a comunidade¹

Kallyne Ninotcha Dias BEZERRA²

Christine Pereira Cordeiro NETTO³

Carolina Barroso AHMED⁴

Luciana Carlos CELESTINO⁵

Universidade Potiguar, Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

A importância da TV Pipa para a comunidade no ano de 2007. O direcionamento principal do nosso projeto é a TV Pipa, mais precisamente mostrar seu trabalho junto à sociedade local. Pretendemos acompanhar seu dia-a-dia e registrar através de fotografias todo o seu serviço, desde a escolha das pautas até a edição das reportagens. Faremos também um breve levantamento histórico sobre a Praia da Pipa e a cidade de Tibau do Sul, município do qual Pipa é distrito.

PALAVRAS-CHAVE: Fotodocumentário; TV Pipa; Jornalismo comunitário

INTRODUÇÃO

De acordo com visitas prévias à TV Pipa, observamos que o lugar onde esta funciona é doado pela prefeitura de Tibau e fica localizado no Telecentro, o centro de inclusão digital do distrito. O projeto conta atualmente com três voluntários que utilizam uma câmera filmadora simples, quatro computadores e alguns equipamentos para edição das matérias.

Acreditamos desse modo que o trabalho desenvolvido pela TV Pipa é de grande importância para a comunidade de Pipa e da região. A iniciativa serve de exemplo para outros municípios pensarem na importância da TV comunitária.

Percebemos que um foto-documentário teria o papel de instrumento de pesquisa para estudiosos ou curiosos, não somente para os nativos da região, como também para visitantes que gostariam de saber um pouco mais do trabalho que os jovens voluntários se mobilizam para realizar em prol da comunidade a qual fazem parte. É também uma forma de incentivar a sociedade para que busquem conhecer e valorizar mais o lugar de sua origem.

A Pipa de ontem e de hoje

¹ Trabalho submetido ao X Expocom, na categoria E Áreas Emergentes, modalidade Processo, como representante da Região Nordeste.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo da UnP. E-mail: icristine26@yahoo.com.br

³ Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo da UnP. E-mail: isabelcristine@unp.br

⁴ Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo da UnP. E-mail: paola@unp.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UnP. E-mail: lucianacarlos@unp.br



Localizada na região agreste litorânea do Rio Grande do Norte, há 85km da cidade do Natal, a Praia da Pipa é, atualmente, um distrito do município de Tibau do Sul. Até meados dos anos 1970, Pipa não era conhecida pelas suas características turísticas, mas sim, pelas belezas naturais e pela tranquilidade que oferecia anteriormente aos veranistas e surfistas, visitantes que passaram a ser freqüentes a partir desta mesma década.

Vila composta de pescadores e agricultores de famílias tradicionais, Pipa tinha um cotidiano, que dividia-se entre as atividades de cultivo da agricultura e a pesca, além de atividades artesanais como o bordado, a produção de cestas e redes utilizadas na pescaria.

Atualmente, a Praia da Pipa é reconhecida, internacionalmente, como uma praia completa, um verdadeiro pólo comercial, onde, pela manhã, pode-se desfrutar do mar azul com ondas propícias ao surf, ao entardecer, o pôr-do-sol pode ser admirado das falésias que cercam o litoral e, à noite, bares e boates reservam animação indicada aos diferentes gostos.

Entretanto, antes de toda publicidade turística feita tanto nacionalmente quanto fora do País, a Praia da Pipa possuía outras riquezas, como a paisagem vista das falésias e os golfinhos, agora ameaçadas. Riquezas já ilustradas em mapas e cartas, mesmo antes da Carta de Doação da Capitania do Rio Grande, por Dom João III a João de Barros e Aires Cunha em 8 de março de 1535 (MARINHO,2007).

Segundo Marinho (Idem), a Praia da Pipa, chegou a receber muitos topônimos. Sua descoberta se deu pela família Reinel, aproximadamente no ano de 1505, durante as primeiras expedições dos portugueses, logo após o descobrimento do Brasil. Os cartógrafos Pedro e Jorge Reinel, pai e filho respectivamente, em seus desenhos das cartas geográficas referentes às terras brasileiras, ilustraram a praia da Pipa, dando à localidade os nomes em tupi de Oratapipy e Oratapia. Anterior a isso, o distrito recebeu várias nomeações.

A partir da década de 1940 do século XVI até o início da década de 1960 do século XVII, prolifera uma grande quantidade de informações referentes ao espaço geográfico que viria a ser denominado de Praia da Pipa, com topônimos diferentes, nos mais variados mapas, como por exemplo: “Oratapic”, “Orataphica”, “Oratapica”, “Orapi”, “Ora”, “Itacoatisara”, “Arapita”, “Itacoatigara”, “Orothapica”, “P. da Pipa”, “Itacoatiara”, “Itacoagara”, “Itacoitiaca”, “Pta. Da Pipa”, “Porto da Pipa”, “Tapuya paraçoitapa” e “Ens. Itacoatiara”, entre outros (MARINHO, 2007, p. 11).⁶

⁶ Grifos do autor



Entre 1626 e 1631, vários mapas passaram a apresentar a atual Praia da Pipa com o topônimo Itacoatiara, que, depois, veio a receber variações. O Atlas do Brasil, de tal época, ainda pode ser encontrado na Biblioteca Nacional de Paris, onde está conservado.

O nome atual da praia se deu devido a uma pedra granítica encontrada à beira-mar, nomeada “Pedra do Moleque” e que possuía características parecidas com as de uma Pipa (vasilha utilizada para bebidas).

Não existem documentos que comprovem a existência de aldeias indígenas na Pipa, mas, pelo fato de todas as suas antigas nomeações serem derivadas do tupi, acredita-se que, antes da chegada dos franceses, holandeses e portugueses que vinham explorar o Pau-Brasil, pele de animais e aves exóticas, o lugar era habitado por índios de uma tribo desconhecida, segundo Marinho (2007).

Por volta de 1654, os holandeses que haviam ocupado a região foram expulsos pelos portugueses após um longo período de batalhas que ocorreram no mar de Itacoatiara (Pipa). De acordo com Dantas (2004), em 17 de novembro de 1639, nas proximidades de Barra de Cunhaú e da Ponta de Pipa, foi travada a guerrilha entre as esquadras holandesa e lusitana, comandadas por Jacó Hujhens e Dom Fernando Mascarenhas.

As passagens históricas e a miscelânea de povos que passaram pelo município de Tibal do Sul e por Pipa, deixaram os rastros presentes em suas manifestações culturais. Estas, com o passar dos anos e com o desenvolvimento turístico, ficaram esquecidas e permanecidas no passado e em lembranças de alguns nativos da região, que as relatam em livros, como os da família Marinho.

Como explica Alexandra Oliveira (acessado em 2007), a inexistência de uma preocupação com os efeitos adversos do turismo permite a perpetuação de graves perdas e deturpações da cultura das localidades onde a atividade se desenvolve.

A praia da Pipa é um celeiro de “estórias”, desde as de “trancoso”, de Pescador, de Lobisomem, de Varredor da Lua, do Homem da Meia-Noite, da Caipora ou “Caboquinha”, de Burra de Padre; minas encantadas, desencatadas ou “tiradas”, como a mina do Pé de Trapiá – a mais famosa e temível de todas as minas, por ser mal-assombrada, a mina da Praia das Minas, a que se desencantou e foi encontrada por dona Sebastiana Inácio, atrás da casa de Vicência Borges; a da “corrente de ouro” que pendia do último coqueiro da Ponta da Pipa estendendo-se até o Poço das Mulheres, etc. (MARINHO, 2007, p.19)

De acordo com Marinho (2007), os dramas eram “óperas” apresentadas apenas por mulheres, em palcos armados na rua, desde o ano de 1942, pelas alunas da escola primária, que tinham suas



roupas próprias e visavam educar. Muitas vezes, inclusive, as professoras que surgiam no local utilizavam os dramas para ensinar às crianças. A professora Isabel Rodrigues, conhecida por Belinha, dirigia as peças e costumava fazer dramas que tinham os temas de pessoas nativas da região ou sobre o próprio lugar.

Um outro exemplo de manifestação cultural são as Lendas, que eram contadas a beira mar, sob a luz do luar, antes da instalação da energia elétrica, na parte da praia que chamavam de “aterro”. As três lendas citadas no livro de Marinho(2007) são: “O Cavalo de Ouro”, a “Pedra do Moleque” e a do “Morro dos Amores”, com o olhar do poeta Antônio José Marinho, um dos moradores mais importantes da Praia da Pipa.

As Loas também entram nesse aspecto cultural da Praia da Pipa. Surgiram em Portugal e Espanha, nos séculos XVI e XVII e consistiam, basicamente, em apresentações teatrais ou versos de louvor. Os “poetas” que mais se destacaram com suas loas são: José Francisco da Silveira, Mariante Castelo, Manoel Pequeno, Joaquim de Antônia de Pedro, Antônio de Moça de Pedro, Miguel Moreira Caldas, Martim Lourenço dos Santos, Antônio Inácio da Silva e João Brilhante. Costumes e tradições que se conformaram em motivos que moveram o surgimento da TV Pipa.

A TV Pipa

Em março de 2004, quatro voluntários, Norma Lílian, Márcia Cafenstok, Cláudio Freitas e Maurício Martins, deram início ao projeto Educapipa, surgido para fornecer informações de educação, cultura, esporte e meio-ambiente e também realizar alguns projetos educacionais para, apenas, a comunidade da Praia da Pipa, como as aulas de dança e teatro para vinte crianças e adolescentes. A prefeitura do município de Tibau do Sul cedeu um espaço para isso, que funcionasse o Telecentro local.

O Telecentro é um centro de inclusão digital, parte de um projeto do programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão, sob coordenação do Ministério das Comunicações e Ministério da Educação (GESAC), que oferece cursos, treinamentos especiais e à distância, informações, serviços e oportunidade de negócios. Existem várias redes de Telecentro espalhadas por todo o país, e só no Rio Grande do Norte se localizam 127 pontos, de acordo com a estudante Josiene Santos (2007). O Telecentro encontrado em Pipa foi uma idéia realizada pelos estudantes Adaebson Santos, Josiene Santos, Evaldo Lourenço e Henrique Marinho, os quais ganhavam bolsas da rede Pipa Sabe, uma iniciativa



de transformação estratégica, que promove a produção de educação, cultura, ciência e tecnologia e está diretamente associada ao programa SPiN – Engenharia de redes.

Foi apenas em outubro de 2005, que Tito Rosemberg, que já fazia trabalhos comunitários, conheceu o Telecentro ao chegar na região. O primeiro projeto criado por ele foi para apresentar o centro de inclusões digitais através de um documentário, mostrando o cotidiano do local, como as pessoas viviam, seu dia-a-dia, das crianças, dos adultos e idosos, produzido com a máquina digital. No décimo primeiro dia, foi feita a edição e, à noite, o vídeo foi apresentado na única praça de Pipa, a Praça do Pescador.

A aceitação dos habitantes foi imediata, e Tito juntou-se aos voluntários do Educapipa para criar, então, a TV Pipa, uma espécie de TV Comunitária que viria a ser exibida sempre na praça, aos finais de semana.

Inicialmente, as condições de filmagem eram precárias, pois possuíam apenas uma câmera digital para registrar suas reportagens, além disso, a TV Pipa nunca recebeu nenhum patrocínio, o que limitava seus equipamentos para a realização do projeto. Entretanto, isto não desestimulou os estudantes voluntários, pelo contrário, eles resolveram inscrever o projeto, no início deste ano de 2007, no programa BNB de Cultura, do Banco do Nordeste, o qual apóia e patrocina o projeto vencedor com um alto valor. Segundo a própria descrição do programa, no site do banco, o recurso financeiro do BNB “entende que o acesso aos bens culturais é parte integrante e indissociável na construção de nossa identidade e um direito social básico para o exercício democrático” (acesso em: 2007).

O projeto venceu e recebeu uma quantia de vinte mil reais, utilizada para comprar um computador, uma câmera, dois projetores, caixa de som, microfone, ferramentas para iluminação, e um telão novo, pois o outro havia sido rasgado devido à chuva forte.

É importante frisar que a TV Pipa não é uma TV Comunitária, pois não é exibida em ligação com nenhum canal da TV aberta, desta forma, Rosemberg afirma que prefere dizer que é uma TV de praça, já que possuem autorização da prefeitura do município sede de Tibau do Sul para as exibições semanais.

Antes de serem escolhidos no Programa Cultural do Banco do Nordeste, a TV Pipa havia parado, por um período de cinco meses, com as exibições, em razão de terem tido o problema com o telão, porém, nunca deixaram de gravar as matérias, que, no começo, eram editadas pelo seu fundador, Tito, e que, atualmente, são editadas pelos próprios voluntários.

O trabalho feito pela TV Pipa consiste em resgatar a cultura e a história de Pipa, mostrar pessoas que fazem e fizeram parte de seu passado, bem como atuais eventos sociais que ocorrem tanto na Praia da Pipa como em outras localidades mais próximas.



Já o trabalho na comunidade envolve muito mais coisas que um simples fazer jornal como muitos pregam. Nas comunidades empobrecidas o número de analfabetos é assustador e a comunicação deve beber em espaços alternativos. Quem se propõe a trabalhar com a informação nas comunidades deve estar preparado para se surpreender. Boa parte das vezes a própria comunidade já definiu suas formas de comunicação e este é o grande segredo. É preciso estar em sintonia com os anseios da população. É preciso, fundamentalmente, um novo olhar, de amor, de alteridade, de respeito (TAVARES, acesso em: 2007).

Tudo o que os estudantes fazem na TV é ensinado sempre por Tito, que já ofereceu, durante cerca de três meses, aulas sobre edição de vídeo e de como escrever pautas, fazer reportagens e entrevistas. Apesar de terem estudantes interessados em ajudar, apenas quatro voluntários comparecem ao Telecentro para produzir as matérias, são eles Josiene Santos, Francisco Canindé, Anderson Santos, e o próprio jornalista Tito Rosemberg.

As matérias são exibidas normalmente aos sábados e reprisadas nos domingos, geralmente às 20 horas. Anteriormente, eles exibem algum filme ou reportagem sobre outro assunto, para logo depois apresentar suas reportagens.

Todos os dias da semana eles procuram produzir novas reportagens, e não possuem exatamente um critério para escolha das pautas, há apenas uma condição para elas: devem conter, necessariamente, informações sobre a comunidade.

O papel dos estudantes da TV contribui para que o passado do local seja resgatado e registrado em imagens de vídeo e fotos, o que, para a comunidade da Praia da Pipa, significa fazer com que os jovens que não possuem conhecimento sobre o lugar de onde vieram passem a ter mais informações sobre o mesmo e dêem o valor que este merece.

Dentro de um distrito com tantas influências externas, a cultura local e os próprios acontecimentos locais tornaram-se esquecidos ou pouco divulgados. A música, culinária, costumes e sotaques foram importados, e o que antes era facilmente identificado como nativo, hoje se perde em meio a tantas novidades.

A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (GIDDENS apud SILVA e LOURO, 2006, p. 67 e 68).

A TV Pipa, dentro desse contexto, tem a missão de reverter tal situação, mostrando aos moradores e até mesmo aos visitantes que há manifestações e informações que



merecem ser conhecidas e divulgadas, como as ações relacionadas ao meio ambiente da praia, as competições de surf, as apresentações dos grupos de capoeira e outras tantas atividades da população nativa.

Ainda nos dias de hoje, os eventos culturais apresentam algumas das antigas tradições que podem ser apreciadas na praia da Pipa durante festejos que ocorrem em certas épocas do ano. Os principais são: a Festa de São Sebastião, comemorada no mês de janeiro, o São João no mês de junho, o Festival Gastronômico em outubro e a festa de Nossa Senhora dos Navegantes em novembro.

Obviamente que se considera essa missão dentro dos limites, pois, como se sabe, a cultura de todo local é essencialmente móvel e sofre influências de outras culturas, modificando-se e gerando novas manifestações. O que se deseja não é a estagnação cultural ou isolamento, mas a manutenção de uma cultura original como fonte de pesquisa e testemunha da história de Tibau do Sul e, mais especificamente, da praia de Pipa.

Como afirma Moesch (apud OLIVEIRA, 2005, p. 76), a atividade turística “nasceu e se desenvolveu com o capitalismo”, ou seja, graças ao aumento da globalização, o turismo cresceu e ficou mais viável em todos os lugares do mundo, o que, conseqüentemente, faz com que as pessoas se distanciem umas das outras e de seus locais de origem.

O jornalismo comunitário, de acordo com Tavares (2007) é “aquele que conspira, que caminha junto”, ou seja, o jornalista que pretende trabalhar em prol da comunidade precisa entendê-la e protegê-la. Mas, antes de falarmos sobre jornalismo comunitário, temos que entender o verdadeiro significado de comunidade.

Comunidade é diferente de favela, lugar desorganizado, onde as pessoas sobrevivem. Comunidade é o espaço onde as pessoas se encontram dentro da cidade, lugar onde a gente se acha, acha nossas raízes. Viver em comunidade é apostar que é possível viver no encontro, na partilha, ao contrário do que nos remete a globalização, onde cada um vive no seu canto, em solidão(TAVARES, acesso em: 2007).

Para nós, jornalistas, é importante conhecer a realidade das comunidades, pois passamos a ver uma nova forma de vida, o universo de pessoas diferentes, como vivem, como se comportam, seus costumes, hábitos, hegemonia e, assim, aprofundar ainda mais o jornalismo, pois não é só ver, saber, mas sim vivenciar, presenciar e sentir na pele as emoções e o momento.



Um bom jornalista é aquele sem preconceitos, que age de forma ética, aceita as pessoas como elas são e presta serviços para a população, deixando-a informada sobre o que acontece na sua cidade, no seu Estado, no seu país ou até mesmo no mundo. Preza pelo seu trabalho e o realiza com amor. O jornalista, na realidade, é um servidor de informações. De acordo com Tavares (2007), existem dois tipos de jornalismo: o que serve à minoria e o que serve à maioria da população.

Quando falamos em servir à maioria estamos falando em conspiração(respirar juntos) com as comunidades oprimidas, em estar junto com a população nos seus mais secretos sonhos de amor. Esse é o jornalismo comunitário, aquele que conspira, que caminha junto, que se torna instrumento de transcendência, que dá visibilidade ao oprimido não como marginal, mas como pobre, real e capaz de superar sua condição. Na verdade, jornalismo, é jornalismo. O que muda é o local ou os meios onde o praticamos (TAVARES, 2007).

Segundo Tavares (2007) “é impossível um jornalismo neutro. Por mais que não queiramos, tomamos posição.” Nós, seres humanos, já temos, dentro de nós, uma opinião, muitas vezes, já formada, isso varia de acordo com a nossa cultura e hereditariedade. Quando nos deparamos com os fatos que ocorrem, já temos supostos e pré-supostos nossos conceitos.

No jornalismo atual, principalmente ao tratar-se de jornalismo comunitário, a objetividade é praticamente impossível. Como afirma o filósofo dinamarquês, Kierkegaard “ Toda verdade é subjetividade”. “Por mais objetivos que queiramos ou devamos ser, sempre haverá, em todos os nossos juízos e relagues para com aquilo que nos cerca- o fato - um resíduo indelével do nosso próprio ser.” (TAVARES, 2007).

A função da comunicação comunitária pode ser comparada ao mesmo papel que a arte realiza dentro da comunidade, retratando a realidade de maneira realista, mas, ao mesmo tempo, menos impactante, onde não exista tanto sensacionalismo. E esse é um dos maiores problemas, o sensacionalismo, explorado por alguns jornalistas, que manipula os estímulos das pessoas, levando-as a se comoverem com os fatos. Isso porque buscam sempre audiência e esquecem que seu papel é passar informações completas e de maneira clara para os telespectadores.

O jornalismo comunitário pode se fazer também nos grandes meios. O que esta em jogo não é o local onde o praticamos, mas a forma de olhar o mundo. Se estamos num grande jornal não estaremos falando para o povo



todo, mas sim para uma minoria privilegiada que lê jornal. Aí, neste veículo, nossas matérias devem tratar da organização dos excluídos num recado curto: olhem, o povo está em luta. Se antenem, se é na TV então devemos mostrar o povo pobre como um povo que se organiza, que cria cultura, que luta para sobreviver (TAVARES, 2007).

É importante frisar que o número de analfabetos nas comunidades mais pobres é chocante, dificultando, assim, o acesso à leitura dos jornais. O jornalista que se propõe a trabalhar com esse tipo de ação, voltada para as comunidades, deve estar preparado para atender às necessidades dessa população em diversos meios de comunicação, pois o acesso a algumas informações é quase que impossível para alguns.

A TV Pipa e todos os seus colaboradores conseguem prestar um bom serviço para a comunidade, principalmente pelo fato de fazerem parte dela. O que não é só importante para os habitantes do local, mas, acima de tudo, é um benefício para eles próprios, pois, como bem lembra Tavares (2007), “Isso, com certeza nos fará, não só melhores jornalistas, como melhores pessoas, capazes de transitar no mundo de uma forma mais digna.”

O papel jornalístico dos voluntários da TV é o de informar aos cidadãos sobre o que acontece ao seu redor, para que, desta maneira, possam criar conceitos e verem o mundo de uma forma mais ampla. Devido ao grande número de informações gerais vindas por todos os lugares, seja televisão, rádio, ou até mesmo de turistas que chegam à Praia da Pipa, a maioria da população local acaba por estar consciente de tudo o que se passa no mundo inteiro, ainda mais com a chegada da internet, entretanto, acaba não sabendo o que ocorre com seu vizinho ou com seu próprio povo. Isto inspirou Tito para que a TV Pipa não fosse apenas um sonho. O jornalista pode transformar a vida de uma sociedade com sua influência, e cabe aos voluntários a usarem da melhor forma que puderem. “Já foi mostrado diversas vezes o poder que um jornalista tem sobre a sociedade. É um absurdo as pessoas aqui não saberem o que se passa com o dono do mercadinho da rua do lado, mas saberem tudo sobre a guerra no Iraque. Então se pudermos ajudar estas pessoas a pensar mais neles próprios, a verem que são capazes de mudar o rumo de suas vidas, de construir seu futuro, nós ajudaremos. ”, explica o jornalista.

Rosemberg ainda conta que a TV Pipa possibilitou que os jovens se envolvessem menos com as drogas, e que diminuísse a violência, já que surgiu como um entretenimento para todos do local. Além de aprenderem a ser pessoas melhores, os voluntários jovens ocupam parte do tempo se dedicando à TV.



Observamos com isso que o trabalho da TV Pipa vai além do registro histórico, cultural e do cotidiano, ela fomenta a cidadania na comunidade. Os jovens, os adultos, as crianças e idosos se vêem na TV e assim compreendem sua importância local e social. A comunicação atua como um processo fomentador de fatores importantes e o principal deles, certamente, é a necessidade dos próprios nativos de se mobilizarem para se unirem, e, juntos, conseguirem fazer com que os outros moradores tomem conhecimento da riqueza cultural, histórica e geográfica do seu local de origem, bem como passem a valorizá-lo da forma que este merece.

Outro fator é a consciência do valor, do seu papel como sujeito social, o que o veículo midiático, mesmo agindo localmente, possibilita. O trabalho de um jornalista junto a uma comunidade é de fundamental importância neste sentido de valorização, pois, na maioria das vezes, é graças à própria mídia – que não dá o devido espaço aos trabalhos comunitários – que os moradores não adquirem conhecimento sobre sua cidade. Graças à globalização e ao misto de cultura que se derivou dela, o que existe, hoje, na Praia da Pipa é um choque cultural, com pessoas de todos os lugares do Brasil e do mundo que visitam e se mudam para o distrito, visando a uma boa qualidade de vida.

Jornalistas têm não só a intenção, como a obrigação de tentar mudar o mundo. De fazer com que as pessoas saibam que, juntas, são capazes de transformar, são capazes de conquistar o que quiserem. E este é o verdadeiro significado de comunidade. É a união, é a identidade, a essência de cada lugar que faz parte do planeta e, portanto, merecem tanto destaque como qualquer outro.

Os moradores nativos da Praia afirmam ter aprendido mais sobre a história de seus avós e a história de seu povo, e gostam de ir assistir às exposições na praça todo fim de semana, porque além de ser uma diversão, também os deixa informado sobre os acontecimentos do local, tanto com relação à eventos culturais, como sobre assuntos em geral envolvendo personagens locais.

Após os relatos de moradores da região, afirmando ter admirado a iniciativa da TV Pipa, constatamos que a TV, cada dia mais, consegue realizar seu principal objetivo, o de fazer com que as pessoas da região tenham sua identidade e valorizem sua cultura, pois, antes de deixarmos outra cultura se infiltrar em nosso cotidiano, é importante termos consciência de que devemos prezar, acima de tudo, nossos próprios hábitos e costumes, bem como nossos amigos, familiares e conhecidos.

O registro dessa atuação em forma de fotos, num foto-documentário, ou melhor ainda numa foto-narrativa, deixa para a posteridade em forma de fotografias um trabalho que é



muito mais subjetivo, como o da TV Pipa. Registro impresso que deve chegar às escolas e bibliotecas, para que não só o potencial turístico de Pipa seja conhecido, mas também sua identidade cultural, histórica e, acima de tudo, social.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz; EDUARDO Robinson. **A narração fotoetnográfica**. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/12/1.html?studium=3.html> . Acesso em: 23 ago. 2007.

AMORIM, Danyelle. Pipa: um grande pólo comercial. **Fácil Nordeste**. Recife, ano XII, ed. 88, p. 14-17, 2007.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil**.3.ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BARROS, Marcus. **Climas e endemias tropicais**. Scielo. São Paulo, v. 20, n. 58, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300025 . Acesso em: 22 ago. 2007.

BATTISTONI, Duílio Filho. **Pequena história da arte**. São Paulo: Papyrus, 2004.

COSTA, Leopoldina Marinho da. **Passos da minha vida [Memórias]**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

DANTAS, Miguel. **Praias potiguares**. 2 ed. – Natal: Foco, 2004.

HALL, Start. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rv. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. 4.ed. - São Paulo: Brasiliense, 1991.Coleção Primeiros Passos, 82.

LEITE, Enio. **História da fotografia no Brasil**. O FOCO. Natal. Disponível em: <http://www.ofoco.natalrn.net/Profenio3.htm> . Acesso em: 27 ago. 2007.



LESSA, Carlos. **Entrevista cedida ao Instituto Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://aposentado.org/turismo.html#7> . Acesso em: 22 ago. 2007.

MACEDO, Grace do Socorro Araújo de Almeida. **Reflexões sobre história, mito e memória em uma narrativa da região amazônica**. Primeira Versão, Porto Velho, ano 1, n. 9, ago 2002. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigo98.html> . Acesso em: 27 ago. 2007.

MARINHO, Francisco Fernandes. **Literatura da praia da Pipa**. Natal: [s.n.], 2007.

_____, Francisco Fernandes. **A praia da Pipa na cartografia dos séculos XVI e XVII**. Natal: [s.n.], 2007.

MARINHO, Maria Segunda. **Minhas oitenta primaveras [Memórias]**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti. **Terras potiguares**. Natal: Dinâmica, 1998.

OLIVEIRA, Alexandra. **A atividade turística e seus efeitos à população local: um paradoxo**. Caderno virtual de turismo. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=91&layout=abstract> . Acesso em: 30 jul. 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia. Tradução** de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo comunitário: O que é afinal?**. Itajaí, SC. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/elaine.html>. Acesso em: 20 jun. 2007.

Disponível em: <http://www.pipa.com.br/santuariocologico/index.asp>. Acesso em: 28 ago. 2007.

Disponível em:

<http://http://www.pipa.com.br/conteudo/noticias/pipanoar/arquivo/ed6/materia/materia3.html>. Acesso em: 15 jun. 2007.